



Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



Até o Acordar Virou Moda!

Continuando a análise da terminologia que vai surgindo nos dias que correm, olhemos agora para a moda de referir o chamado movimento “woke” de forma depreciativa, atitude que abunda nos dias de hoje.

A palavra “woke” deriva do verbo inglês “to wake” - acordar - que é irregular na conjugação. No início do século XX, “woke” surge como adjetivo no Inglês Vernacular Afro-Americano (AAVE em inglês), com o significado de estar alerta/estar consciente do racismo e da discriminação racial.

O cantor-compositor afro-americano Lead Belly, em 1938, utilizou o termo “stay woke” (mantém-te atento) numa canção sobre nove jovens negros falsamente acusados de violar duas jovens brancas no estado de Alabama em 1931, embora o termo “Wide Awakes” (Bem Atentos) tenha surgido na campanha presidencial de 1860, antes da Guerra Civil Americana (1861-1865), para nomear apoiantes do candidato republicano Abraham Lincoln (sim, já houve presidentes republicanos de categoria nos EUA!), na luta contra a escravatura.

Passado século e meio, na década de 2010, “woke” começa a ser usado para referir situações de sexismo e outras desigualdades sociais, tendo sido incorporado no Oxford English Dictionary em 2017.

Nesta década de 2020, e no frenesim das redes sociais, o termo foi manipulado pelos que resistem à evolução de mentalidades, conotando de forma pejorativa, como se fosse um exagero, a luta pela igualdade e dignidade social! ♦

Dia dos Namorados

Amor próprio é dar e receber respeito, empatia, tolerância, liberdade, confiança, afeto e cumplicidade.

CARLA MOURÃO
UMAR-Açores

Este dia celebrado por tod@s aquel@s que foram atingidos pela seta do Cupido, não importa se jovens ou adultos, não importa se há meses ou anos, é uma data que se celebra. Há quem fale no consumismo; há quem diga no amor vale tudo, ou não.

Acontece n@s jovens porque é sobretudo nesta fase que as hormonas começam a borbulhar, e por isso as primeiras paixões surgem. Claro que a paixão é entusiasmante, as “borboletas” na barriga, o sentir afeto por alguém, e ser-se a pessoa especial de alguém.

Mas tem de estar bem assente, no amor-próprio, no eu individual; se tens esse respeito, não irás permitir que ninguém o belisque. Depois, uma relação saudável deve ter como alicerces, a empatia, a tolerância, a liberdade, o afe-



to, a lealdade, a confiança, e a cumplicidade.

No reverso temos as relações tóxicas, não raras as vezes de dependência mútua, o controlo, o domínio, a possessividade, o ciúme, o desrespeito, e a falta de empatia. Apesar da juventude ser um tempo de explorar o que sentem, e quais os seus limites, é nestas primeiras experiências, e consoante os modelos de referência, que se vai formar a vida amorosa na idade adulta.

Assim, percebes a importância destes alicerces nesta fase do desenvolvimento, quer a nível cognitivo, afetivo ou social. Ainda que apaixonad@ deve-se ter em mente alguns sinais de alerta, e mesmo mitos que por vezes estão enraizados culturalmente, e nos fazem viver sob crenças irracionais, perpetuando o ciclo de violência doméstica.

Ora vejamos, o ciúme não é uma forma de @ @utro de-



Carla Mourão

monstrar o seu afeto; o controlo não é uma forma de cuidar, mas sim de dominar @ @utro, e também de isolamento das amizades, da família, de quem possa perceber que a relação não é saudável. A vítima fica amorfa e à mercê d@ agress@r, dependente, sem perceber que tem o DIREITO de sair desta relação, que pode e deve pedir ajuda.

O namoro deve ser uma experiência mágica de dois seres, o “nós” que se querem conhecer, apaixonar, e explorar estes novos sentimentos, mas sem nunca perder de vista os limites do “eu” e do “tu”.

Que o Cupido vos acerte! ♦

Fevereiro 2024

Janela para o Futuro

Mãos de Fada

Desde pequeno que tenho um fascínio pelos trabalhos manuais.

Lembro-me de ver a minha mãe a tricotar à luz de um candeeiro, já em roupa de dormir, sentada na cama a fazer crescer um pequeno retalho feito de lã, do barulho das agulhas metálicas a bater uma na outra, do movimento mágico da lã a formar cada ponto, nó após nó, no gesto de puxar a linha de lã a rebolar o novelo no cobertor.

Lembro-me também da ansiedade de querer aprender, da enorme curiosidade de experimentar, de fazer, mas ao mesmo tempo a enorme vergonha de querer entrar num território reservado às mulheres. O lugar do labor, do tricô, do crochê, do bordado, da costura era para mim um lugar habitado por mãos e intimidade femininas. Os homens que eu conhecia eram todos

pescadores, sem mãos de fada, sem se aventurarem em tais tarefas. Não se interessavam pois as mulheres que eu conhecia na altura faziam-no a sós com os filhos por perto ou no convívio com outras mulheres. Os homens estavam a leste.

Lembro-me de não ter pedido à minha mãe para me ensinar a tricotar, mas de ela, naturalmente, apercebendo-se do meu fascínio, puxar-me para si e dar-me para as mãos umas agulhas e um novelo para aprender com ela. Ensinou-me e eu, para minha felicidade, aprendi.

Ainda hoje faço tricô. Mas em segredo, no recato do lar, só, sem dizer a ninguém. Ainda sinto vergonha de ter entrado nesse lugar que reservam às mulheres. Ainda tenho medo de que me acusem de traição à masculinidade. Mas aquilo que me custa mesmo é não



António Braga

poder carregar a minha bolsa estampada com cerejas onde guardo as minhas lãs e agulhas de tricô e, nas longas viagens em transportes públicos, não poder matar as horas de enfado fazendo alguma coisa que seja útil. ♦

Ver: Facebook, Instagram e www.umaraçores.org